**LENDO A LITERATURA CHICANA COMO TEXTO
DESCOLONIZADOR: UM COMENTÁRIO SOBRE *LEVANTE-SE,
NÃO TENHA MEDO*, DE AARON ABEYTA**

Miguel Nenevé¹

Rose Siepamann²

O povo de Santa Rita não gostava de ser chamado de Mexicano. Eles tinham ouvido histórias de como esta terra foi Espanha. Eles tinham ouvido sobre Ornate que ocupou os terrenos do Nuevo Mexico em 1598. Para muitos não importa que Ornate era um conquistador bruto que punia os Acoma cortando seus pés e cauterizando as feridas com água fervente (Abeyta, 140-1).

Resumo

A literatura Chicana tem se engajado numa complicada história de atividade política, desde há muito tempo. De certa forma as lutas dos descendentes de mexicanos e hispânicos contra a estrutura política Norte-Americana e contra todas as desigualdades resultantes desta política foram surgindo naturalmente desde a conquista do México pelas forças estadunidenses. L. D. Taylor em sua obra *El Nuevo Norteamericano: Integración Continental, Cultura e Identidad Nacional* (2001, p. 67) vai além ao afirmar que a mestiçagem dos povos indígenas com os colonos espanhóis em outros países, como também a fusão do catolicismo com religiões nativas, geraram uma característica especial totalmente diferente das forças colonizadoras norte-americanas que mantinham a “pureza” europeia anglicana. Taylor afirma que isso também fez do México “... *un país marcadamente diferente de las regiones colonizadas pelos europeus en la parte setentrional del continente americano, e incluso las demás republicas latinoamericanas*” (L D Taylor, 2001 p 67). Neste artigo pretendemos explorar algumas das características da literatura chicana, suas estratégias de

¹ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras da UNIR. Doutor em Inglês e Literaturas.

² Professora de Lingua Inglesa e Artista plástica.

descolonização presentes no livro de Aaron Abeyta, *Rise do not be afraid* (200).

Palavras-chave: descolonização, religiosidade, literatura chicana.

Introdução

Aaron Abeyta é poeta e escritor de ficção que nasceu no sul do estado de Colorado, nos Estados Unidos, mais precisamente na cidade de San Louis Valley. Já ganhou prêmios por sua poesia e por sua ficção que explora a experiência de vida na fronteira, no interior do país convivendo com desigualdade, pobreza e esperança. Os seus escritos são interessantes não somente pela maneira poética de escrever e pelo hibridismo da linguagem ao misturar espanhol com inglês, mas também pelo seu tema de resistência cultural e por revelar um visível esforço para manter a memória de seu povo híbrido vivendo nos Estados Unidos. Sua literatura pode se encaixar na literatura chamada “chicana”, pois propõe discussões sobre americanos de origem mexicana ou hispânica que enfrentam sentimentos de deslocamentos no poderoso país da América do Norte. Como um conjunto distinto de escrita a literatura chicana é relativamente nova e de definição ou delimitação não tão fácil.

Embora o conceito e a classificação de literatura chicana não sejam bem definidos, podemos dizer que o verdadeiro in(í)cio desta literatura se deu já no século dezesseis quando os *conquistadores* espanhóis começaram a colonização da América. As narrativas de Cabeça de Vaca, de Niza e Castañeda revelam os tempos da “conquista” com “bravura” e entusiasmo. Vindo para a América durante a época chamada “Era Dourada” tempo de Miguel de Cervantes e de Lope de La Vega, os conquistadores com certeza tinham os narradores para contar ao mundo as novidades do Novo Continente, como informa Marcio Souza em *História da Amazônia* (2001). Estes narradores eram

ávidos contadores de história, sempre favorecendo o surgimento de lendas, contos extraordinários e canções. Por exemplo, 1598, Juan de Orate e um grupo de mais quinhentos homens celebraram a conquista do local que hoje é New Mexico (Estados Unidos) com apresentação dramática composta para a ocasião. Há uma publicação de Gaspar Pérez de Villagrà, Historia de la Nueva México feita em cantos. Este, segundo alguns estudiosas da historia da literatura chicana, poderia fazer parte dos primeiros textos produzidos na América do Norte por Espanhóis.

No entanto, para se ler sob uma perspectiva mais política, a literatura chicana pode ser considerada muito mais recente. Como afirmamos anteriormente, é uma literatura de definição difícil, mas poder-se-ia dizer de um modo bem simples que é a literatura proveniente da cultura de povos mexicanos (ou outros países da América Latina) que se mudaram para os Estados Unidos, como também no caso de hoje de pessoas nascidas nos Estados Unidos mas cujos ascendentes, pais, avós ou bisavós são provenientes do México. É o que acontece muito em Texas, Arizona, Califórnia, New Mexico, e Colorado entre outros. Neste contexto, as pessoas enfrentaram problemas linguísticos, culturais vivendo como minorias nos Estados Unidos. É bom lembrar que os porto-riquenhos, que não migraram, mas foram anexados aos Estados Unidos também são considerados chicanos. Questões de hibridismo, mestiçagem e deslocamento sempre são considerados quando se discutem literatura chicana.

Assim, podemos dizer que a literatura Chicana, ou às vezes chamada de “Mexican American” pode incluir temas de estudos culturais como por exemplo, identidade étnica ao apresentar a personagem chicana, muitas vezes com uma língua “quebrada” inglês com vocábulos em espanhol, costumes, comida e tradições com raízes na América espanhola. O crítico literário Ramón Saldívar afirma que, “... diferente de muitos outros grupos étnicos que migraram para o Estados Unidos, mas semelhantes ao indígenas americanos, os chicanos se tornaram uma minoria pela

conquista de sua terra natal” (ano? p.? 13) Ao longo dos anos, os Chicanos desenvolveram uma cultura própria que na realidade não pertence nem à América Espanhola nem aos Estados Unidos. Restou então uma cultura híbrida entre México (ou América hispânica) e Estados Unidos, um produto de ambos, mas diferente. Segundo Paredes (1995), até 1900, a literatura chicana apareceu como uma parte distinta da Literatura Americana. O autor menciona a importante obra de Josephina Niggli, *Mexican Village* (1945) como um marco importante para esta literatura.

Como vimos argumentando, os temas mais comuns explorados nesta literatura, sem dúvida são aqueles relacionados com identidade, a cultura relacionada à língua, a discriminação, a memória e a história. Todos estes temas, de certa forma, passam pela questão da comunicação pela linguagem. A identidade, a cultura, a história e a memória não podem negar a linguagem, a questão de experimentar uma hibridagem linguística e cultural. A comunicação cria a cultura e a cultura por meio da tradução oral é o meio de comunicação, a linguagem carrega a cultura e a cultura traz consigo todo o conjunto de valores, de expressões, de visões do mundo, da percepção e interpretação do espaço, Desta forma que esta literatura chicana pode e deve ser um veículo de descolonização, uma vez que por meio delas os chicanos podem se expressar e mostrar a voz que de certa forma tem sido negligenciada. É muitas vezes uma crítica e um protesto à maneira que vivem os chicanos nos Estados Unidos. Pode ser também, como diz Abeyta, uma forma de redenção de vidas sofridas, uma redenção da história e da cultura. Ao lembrar o sofrimento de seus antepassados que tiveram que trocar seus nomes, abandonar a sua cultura para poder sobreviver nos Estados Unidos, o autor de forma convida o leitor para lembrar a carga de colonialismo sofrida.

Outros temas presentes na literatura chicana também se incluem nos estudos pós-coloniais. Como exemplo temos a questão da migração, da situação de viver entre espaços, deslocados, nas

fronteiras, nas margens. Os textos na maioria são escritos em inglês com mistura de espanhol, mas há também textos em espanhol ou bilíngues como é o caso de *And the earth did not devour him* de Tomas Rivera (1990)

Levante-se, não tenha Medo, no original *Rise, do not be afraid* (publicado e premiado em 2011) reflete muito este mundo chicano. A obra é uma exploração poética de uma pequena cidade, Santa Rita, que fica em New Mexico, fazendo fronteira com o estado de Colorado. Para expressar o sentimento de deslocamento o autor recheou o livro de palavras ou expressões hispânicas que revelam este mundo híbrido chicano. Palavras muitas vezes ligadas à afetividade como *abuelita, tia, tio, papá, la palomina* e assim por diante.

Como se sabe, não é incomum caminhar pelas ruas dos Estados Unidos, não somente de Texas, Califórnia e New Mexico para ouvir espanhol ou expressões em espanhol quando se fala inglês. Usam-se muitos termos e expressões em língua espanhola que certa forma marcam a identidade. Como por exemplo, atender o telefone e fala-se “*bueno*”, depois seguir falando em inglês. É um mundo que não é nem o “americano” no sentido dos descendentes do *Mayflower*, nem o mexicano, é um estar entre estas identidades.

Como outros cenários da literatura chicana, Santa Rita, onde baseia-se o livro, sofre pela decadência, pelo desaparecimento da tradição, das pessoas que saem para centros maiores. A tristeza parece ter marcado o território:

Dos três, dois tem nomes e um é conhecido apenas por Deus. Os dois com nome estão enterrados juntos embaixo do cedro na terra que seu abuelito comprou de uma mulher chamada Lara. Como os dois dos três que ele nunca imaginou ou conheceu, ele também não conhecia Lara, mas brincava na sua casa assombrada (p. 13, trad. nossa).

O próprio autor diz que o livro é sobre o esforço da comunidade e de seu povo na tentativa de encontrar redenção e

sentido na perda constante que vem sofrendo. Apesar destas perdas, as personagens do livro buscam a salvação no único lugar que eles conhecem,... fé e natureza”.

Aaron Abeyta que ensina Literatura Chicana e Literaturas de Minorias parece acreditar que escrever ajuda a ensinar porque é necessário fazer uma conexão entre escrever e ler. Sua obra revela que a linguagem é um meio de comunicação que de certa forma espelha, ou reflete a identidade de um povo e sem dúvida é parte integrante da cultura. Neste sentido ele reflete o que o autor queniano, Ngugi Wa Thiongo defende ao referir-se a linguagem como “*alma da cultura* “: “A linguagem é separada de nós mesmos como comunidade de seres humanos com uma forma e um caráter específicos, um história específica e uma forma de ver o mundo específica (2006, p 156).

Uma reflexão bem interessante é apresentada no segundo capítulo da obra de Abeyta cujo título é “Como a palavra deveria se levantar”:

A palavra deveria vir como água subindo, às vezes mansamente como as notas de um violino tocadas por uma menina em pé em um elevador, sua canção suave e granulada flutuando sobre um campo de grama aberto. A palavra deveria vir como a neve caindo pela primeira vez (p. 17).

No mundo de Santa Rita, porém, as coisas não se desenvolvem assim com toda esta suavidade uma vez que anunciam a morte de Ramon Fernandez. E Ramon Fernandez “*nem sempre fora ninguém*”. As mulheres de Santa Rita lembram que ele dançava bem. Ele carregava um rosário de madeira em seu bolso e uma faca no outro. Ramon Fernandez antes de ser ninguém era como as pessoas de Santa Rita, rico, sem ter dinheiro” (p. 18)

A cultura particular do povo chicano vai sendo revelada, desenvolvida poeticamente no livro. Alguns provérbios e ditados da cultura revelam o saber do povo. Por exemplo, os grilos cantam selvagememente antes de partir para fugir do frio. Neste aspecto o

conhecimento de como fazer tortilha deve ser passado de geração a geração para que não se perca: “*existem cinco ingredientes para fazer tortilha. Muitas vezes as pessoas pensam que é apenas um.*” (p. 20) e os ingredientes devem ser dos mesmos que a *abuelita* usava. A mesma farinha, o mesmo sal etc. Um ingrediente “*é esquecido como o indígena em nós, é pequeno mas não menos importante.*” (p. 21)

A linguagem está intimamente ligada com a prática da comunidade, com o trabalho, a culinária entre muitos outros aspectos. A perda da linguagem e até do nome próprio de certa forma vão desterritorializando as personagens do local. Se a linguagem é um marcador importante da linguagem, ter que receber outro nome significa ter que deixar outra identidade entrar em suas veia(s). A perda da linguagem ou a falta de controle pode significar que a pessoa não participa completamente da comunidade. Para Ngugi, por exemplo trocar de nome pode significar tirar a identidade de alguém.

Parece que é o que acontece com as crianças que tem que deixar Santa Rita para estudar:

A escola é muito diferente aqui. As freiras são legais, mas elas me chamam de Nancy. Uma delas disse-me que eu nunca seria alguém com um nome como Nonnatusia... Ela renomeou todos. Eu sou Nancy, Pedro é Pete, Jaime é James, Perla é Pearl. (pp. 84-85).

Interessante observar que o livro ajuda a refletir sobre a condição dos “hispanicos” e de sua situação nos Estados Unidos. Neste caso, o povo de Santa Rita reflete as circunstâncias em que vivem as pessoas de origem hispânicas dos mais diversos locais, inclusive os porto-riquenhos que foram “absorvidos” durante a expansão americana.

A depressão econômica, a decadência do local vivida e sofrida e a necessidade de deixar o local, tudo parece trazer um sentido de perda:

Santa Rita também iria “desaparecer em pequenos pedaços, como uma terra gelada numa pá. Santa Rita iria desaparecer devagar e poucos entenderiam sua perda. Santa Rita morreria, mas há pedaços dela com sue povo. Poucos saberiam como a cidade foi carregada com eles. (p. 61)

A esperança porém está na memória. As pessoas que carregam a pequena cidade em suas memórias podem cantá-la mais tarde. Se uma criança que nascer no futuro, não souber nada sobre a cidade, “*nós escrevemos isso..para que a criança nascida anos mais tarde tenha um marcador,* “ uma forma de conhecer e de saber o caminho da casa “*durante uma tempestade ou no crepúsculo*” (160)

Abeyta admite que o que ele escreve não é exatamente um romance, mas uma narrativa poética. Primeiro escreve um longo poema, para depois desenvolver a narrativa. Na realidade os próprios poemas são narrativas. O que é interessante nesta discussão para nosso argumento é o convite para olhar e repensar o mundo chicano, as características de um povo que vê sua cultura, sua cidade, seu modo de vida, sua linguagem e até seus nomes desaparecendo. Este é o mundo de Santa Rita, na fronteira entre os Estados de Novo México e Colorado, um mundo que de certa forma “se despedaça” como o mundo de Chinua Achebe no livro *Things Fall Apart* (1980).

Referências bibliográficas

- Achebe, *Things Fall Apart*. London: Heinemann, 1980.
- Abeyta, Aaron. Interview to Daniel Olivas. Available [www.jacketflap.com/megablog/?h\(19/09/2007\)](http://www.jacketflap.com/megablog/?h(19/09/2007)).
- _____. *Rise do not be Afraid*. Denver: Ghost Road Press, 2007.
- García, Mario T. (2000), *Luis Leal: An Auto/Biography*, Austin, Texas: University of Texas Press, 2000.
- Cabeza de Vaca, Alvár Nunez. *Naufrágios e Comentários*. Porto Alegre: L&PM, 1999
- Castañeda, Antonia. “Malinche y Toypurina. Of Myths, Monsters and Embodied Histories”. Rolando Romero and Amanda Nolaces.

Harris (eds). *Feminism, Nation and Myth: La Malinche*. Houston: Arte Publico.

Paredes, Raymund (Fall 1995). "Teaching Chicano Literature: An Historical Approach, *The Heath Anthology of American Literature Newsletter* (12).

Saldívar, Ramón. *Chicano Narrative: The Dialectics of Difference*, Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1990.

Rivera, Tomás. *Yo no se lo tragó la tierra*. Houston: Arte Publico, 1990.

Souza, Marcio. *História da Amazônia*. Manaus: Valer, 2009.

Taylor, Lawrence Douglas. *El Nuevo Norteamericano: Integración Continental, Cultura e Identidad Nacional*. Cidade de Mexico: UNAM, 2001.

Wa Thiong'ó. Ngugi. The language of African Literature. In *Postcolonialisms: an anthology of cultural theory and criticism*, edited by Gaurav Desai and S Nair. Berg: Oxford, 2006.